

# Uma Mística para o Terceiro Milênio<sup>1</sup>

Piero Coda

Tradução: José Maria de Almeida

Para apresentar um caminho possível da mística nos dias de hoje é necessário tomar modelos com seus componentes culturais. Tal exemplo pode ser extraído da experiência de Chiara Lubich e do Movimento dos Focolares, ou o “carisma da unidade”, como é conhecido. Essa experiência se apresenta como uma resposta carismática, encarnada numa fecunda corrente espiritual e social, que responde aos desafios e questionamentos cruciais do tempo presente. Abba, São Paulo, v. 5, n. 3, pp. 41-55.

1. Estou muito contente — digo-o com toda sinceridade — de estar hoje, aqui, na minha cidade, na universidade em que me formei em filosofia, para dizer alguma coisa sobre a figura de Chiara Lubich.

Estou feliz porque se me oferece a ocasião de falar do encontro, que ocorreu exatamente aqui, entre as minhas raízes e meus estudos, com uma intuição nova da vida cristã, nascida em nosso tempo.

Mas devo confessar que não é tarefa fácil traçar um esboço dessa intuição — a intuição cristã de Chiara Lubich — que nas últimas décadas gerou e alimentou uma corrente espiritual, cultural e social muito rica e variada, que já alcançou os confins da Terra.

Não é fácil, não porque se trata de algo em si mesmo complexo e, por isso, difícil de perceber e exprimir; mas porque, ao contrário, é marcado por uma surpreendente simplicidade. Aquela simplicidade tipicamente evangélica, que o nosso olhar, esse sim muitas vezes complexo, dificilmente sabe captar e menos ainda consegue expressar.

Tocou-me a imagem tão real usada por Cottolengo, um santo

.....

1) Conferência proferida na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Turim, Itália, em 23 de maio de 2002, por ocasião da visita para a sessão de entrega da cidadania daquela cidade a Chiara Lubich.

daqui de Turim:

As obras de Deus nascem totalmente ao oposto das obras, mesmo grandiosas, do mundo; estas obras humanas principiam a partir de cálculos, planos, projetos etc, com os mais seguros fatores, firmam-se sobre uma extensa superfície e, depois, como pirâmides, terminam numa ponta, freqüentemente fazem barulho e com o tempo desaparecem; mas a Pequena Casa, sendo toda criada e sustentada pela Divina Providência, é como um grão de mostarda, apóia-se sobre um simples ponto e ergue-se para o alto terminando em forma de um grande cone, como uma pirâmide invertida, e assim fica firme e imóvel, e isto por puro milagre, uma vez que é divina. (Cottolengo, 1992, pp. 84-85)

Qual é o “simples ponto” sobre o qual se apóia “o grande cone” do ensinamento e da obra de Chiara Lubich? O “grão de mostarda” do qual cresceu uma árvore frondosa e em cujos ramos vêm repousar — como observou uma vez o Cardeal Ratzinger — cristãos de todas as Igrejas, discípulos de todas as religiões, pessoas de todas as culturas e convicções? Qual é a centelha inspiradora de tudo e qual é o alcance também cultural dessa intuição evangélica?

2. A recente publicação, pela Mondadori, da coleção dos escritos já publicados e inéditos de Chiara Lubich, *La dottrina spirituale*<sup>2</sup> (Milano, 2001), pode estar indicando uma resposta. Mas para ressaltar a originalidade dessa experiência, penso que seja necessário, antes de tudo, situá-la no contexto sócio-histórico do que estava acontecendo no mundo quando foi suscitada.

Corria o ano de 1943, em Trento, durante a Segunda Guerra Mundial. Então — assim Chiara Lubich sempre inicia o relato da sua história — “tudo desmoronava ao nosso redor”. A Segunda Guerra Mundial não representa somente a queda de um sistema político, econômico, estratégico: é muito mais. Esse desmoronamento a que Chiara Lubich se refere, pensando nos bombardeios que caíam sobre a cidade e na ruína de tantos ideais de vida, antes cultivados com

.....  
2) Lubich, C.— *La Dottrina Spirituale*, obra organizada por Michel Vandeleene, tem sua publicação prevista, no Brasil para agosto de 2003, em co-edição: Brasilense – Cidade Nova.

carinho, é uma queda mais vasta e profunda, que atinge a Europa, o mundo ocidental no seu conjunto, e que desestabiliza o equilíbrio do mundo inteiro.

É uma queda que provoca grandes abalos e cujas repercussões, no espaço e no tempo, chegam até à queda do Muro de Berlim e das Torres Gêmeas de Nova York. É o velho mundo que desmorona, com aquela trágica seqüela de conseqüências que todos conhecemos e com o desafio de se redefinirem as coordenadas da existência, do pensamento e do planejamento, que hoje nos interpelam tão decisivamente.

O mundo cristão tem consciência disso, assim como percebem também as grandes religiões. É preciso virar a página. Disse-o, pela Igreja Católica — mesmo com todas as contradições que assinalam a situação —, o Concílio Vaticano II; disse-o, emblematicamente e com linguagem profética, o Encontro de Oração pela Paz feito entre as religiões, em Assis, a convite de João Paulo II [em 2002].

3. A intuição de Chiara Lubich emerge neste contexto. Entre as ruínas do velho mundo, na escuridão dos abrigos, traz em suas mãos um pequeno livro: o Evangelho. É a redescoberta de um ideal de vida antigo, com mais de 2.000 anos, mas sempre novo: Deus desce ao plano da vida do homem, vem habitar em nosso meio, toca o coração e abre os olhos com o milagre de seu amor.

Na história de Chiara Lubich repete-se mais uma vez, mas de modo original — porque, na verdade, Deus não se repete jamais —, a história do Evangelho: “Mestre, onde moras? Vem e vê! Vem e segue-me”.

Deus, onde mora? O que significa seguir Jesus, hoje?

Chiara Lubich, com o pequeno grupo de suas primeiras companheiras que elegeram o Evangelho como regra de vida, é tocada especialmente pela oração de Jesus ao Pai, na última ceia: “a fim de que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti [...] para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21).

“Que todos sejam um”: foi como se uma luz se acendesse a partir de dentro daquelas palavras, tão altas, tão inatingíveis e em tão gritante contraste com tudo o que estava acontecendo ao redor. A tal ponto que a levou a dizer: “Foi como uma intuição de que tínhamos nascido para encarnar aquelas palavras”.

Essas palavras, na realidade, encerravam “o sonho” de um Deus, que desceu para o meio dos homens, a síntese e a totalidade da mensagem de Cristo. Uma utopia, certamente, lançada como uma simples semente nos sulcos muitas vezes obscuros da história, mas paga com a vida; portanto, consciente e forte da “loucura” e da “impotência” do Crucificado. O Crucificado, fonte do Espírito que “sonda [...] as profundidades de Deus” (1Cor 2,10) e “intercede por nós com gemidos inefáveis” (Rm 8,26).

Naqueles mesmos anos, Edith Stein, Simone Weil, Dietrich Bonhoeffer redescobrem, como se fosse a primeira vez em dois mil anos de cristianismo, que enquanto tudo desmorona e a humanidade experimenta também o abismo infernal, é exatamente ali, naquele trágico abandono, que Cristo esconde o seu rosto. E ainda grita ao Pai, atraindo todos a si (cf. Jo 12, 32).

Jesus Abandonado — esse é o nome com que Chiara Lubich o reconhece desde o começo. O adjetivo “abandonado”, tão novo para o vocabulário cristão e por isso olhado com suspeita, na realidade, não é um adjetivo, é escrito com inicial maiúscula: é nome próprio. É o nome de Jesus.

Foi “um chamado forte e decisivo”, uma manifestação, a revelação dele: “não fostes vós que me escolhesteis, mas eu é que vos escolhi” (Jo 15,16). Era — recorda Chiara Lubich — o dia 24 de janeiro de 1944.

Jesus Abandonado é logo reconhecido como: “o Deus do nosso tempo”. A intuição! E, de repente, o ideal, fascinante e indestrutível, de uma vida nova: “Jesus Abandonado tornou-se logo o nosso tudo”.

4. A partir desse momento, Chiara Lubich falará sempre de unidade e de Jesus Abandonado: de Jesus Abandonado como o “caminho”, a “chave”, o “segredo” do “Que todos sejam Um”.

A intuição é que no grito de Jesus está contida uma doutrina de vida e de pensamento.

É o próprio Jesus, o Mestre, em cujo seguimento nos colocamos com radical simplicidade, que guia o caminho, distribuindo sabiamente os dons do seu Espírito.

Jesus Abandonado revela-se, assim, fonte de tão grande luz, que aos poucos vai tecendo a vida do Movimento nascente, criando ao

seu redor, por contágio espontâneo, uma comunidade cristã que logo ultrapassa os limites de Trento e atinge pessoas de todas as partes da Itália e, depois, do mundo.

Segue-se um período de intensa luz mística, no verão [europeu] de 1949, período em que Chiara Lubich assim descreve:

[...] um período luminoso, especial, em que, entre outras coisas, pareceu que Deus nos quisesse fazer intuir algum desígnio seu sobre o nosso Movimento. Compreendemos melhor também muitas verdades da fé e, em especial, quem era Jesus Abandonado para os homens e para a Criação, ele que sintetiza tudo em si. (Lubich, 2000, p. 57)

Naquele verão, ao lado de Chiara Lubich, das primeiras focolarinas e dos primeiros focolarinos, é belo recordar a presença discreta, mas decisiva, de Igino Giordani, figura de destaque do catolicismo italiano da época, polemista vivaz, estudioso dos Padres da Igreja e pioneiro do ecumenismo, hagiógrafo e homem político: símbolo precoce da vocação, inclusive social, da mística da unidade.

Foi, portanto, um período de luz, de transfiguração, de que não é difícil encontrar analogias na história dos grandes carismas e dos grandes movimentos espirituais que surgiram ao longo dos séculos na Igreja.

Mas é sintomático que tal experiência de luz tenha desembochado, para Chiara Lubich, “numa segunda escolha, mais consciente e mais responsável, d’Aquele que nos tinha chamado a segui-lo”. Ela assim se expressa num texto, agora já conhecido universalmente, e que adquire todavia a sua intensa carga justamente porque é colocado no ponto de junção entre a luz gratuitamente recebida e a sua encarnação — paga também com lágrimas e sangue — sobre a Terra, no meio dos homens:

Tenho um só Esposo na Terra: Jesus Abandonado.

Não tenho outro Deus além dele. Nele está todo o Paraíso com a Trindade e toda a Terra com a Humanidade. (Lubich, 1998, p. 44)

A renovada escolha de Jesus Abandonado torna-se, para Chiara Lubich e para o Movimento nascente, o caminho da historicização do

seu Carisma na vida da Igreja e nas dinâmicas da cultura e da sociedade, que estão em busca, com consciência cada vez maior, de novos paradigmas de existência e de interpretação do mundo.

5. Mas quem é, para Chiara Lubich, Jesus Abandonado? O que significa, concretamente, que ele é o caminho para a unidade? E que contribuição tudo isto pode oferecer para as buscas que a humanidade está fazendo?

Procurarei responder dando preferência às palavras da própria Chiara Lubich. Mas recordando, primeiro, duas reflexões convergentes de dois ilustres teólogos de nosso tempo.

O primeiro é o evangélico Eberhard Jüngel, que recentemente escreveu:

Hoje as Igrejas devem ser capazes não só de perceber, mas também de dar uma resposta adequada à grande exigência de espiritualidade que o homem carrega consigo. Nesse contexto, a mística pode voltar a ter um relevante significado. Não uma mística de olhos fechados, mas uma mística que vê e sabe ver com olhos abertos. Não uma mística da interioridade, mas uma mística na qual ao movimento para o interior de si mesmo corresponda o caminhar para fora de si. (Jüngel-Neri., 2002. In: *Il regno — attualità*, pp. 145-150)

O segundo é o conhecido teólogo católico Karl Rahner, o qual, já há vários anos, tinha escrito que o cristão de amanhã ou será um místico ou não será cristão (Cf. Rahner, 1966, p. 22):

Até agora partimos do pressuposto de que existe uma experiência mística de Deus, vivida na intimidade mais profunda e individual do homem [...]. Mas qual homem é capaz dessa relação? Para dar uma resposta precisa a essa pergunta dever-se-á reconhecer que essa experiência mística e íntima de Deus só pode fazê-la quem ama o próximo. No Novo Testamento, o amor a Deus e o amor ao próximo constituem uma unidade. (Rahner, 1992, p. 69);

Eu penso que numa espiritualidade do futuro o elemento da comunhão espiritual fraterna, de uma espiritualidade vivida em conjunto, pode desempenhar um papel mais determinante, e que lenta mas decisivamente se deva prosseguir nesse caminho [...]. (Rahner apud

Goffi — Secondin, 1992, p. 368)

A mística da qual Chiara Lubich é testemunha caminha decididamente nessa direção. Mística que — é bom frisá-lo para evitar equívocos — outra coisa não é senão a experiência de vida com Cristo, crucificado e ressuscitado, realmente vivo e presente entre os homens, lá onde opera seu Espírito, como bem sabiam os apóstolos Paulo e João e os Padres da Igreja. Mesmo que depois o Espírito possa inserir nessa raiz carismas de luz e de ação em vista de uma missão particular.

Uma mística, portanto, para o nosso tempo. Assim Chiara Lubich traça o seu perfil:

Eis a grande atração  
do tempo moderno:  
atingir a mais alta contemplação  
e manter-se misturado entre todos,  
ombro a ombro.

Diria mais:  
perder-se no meio da multidão,  
para impregná-la do divino,  
como se embebe  
um naco de pão no vinho.

Diria mais:  
partícipes dos desígnios de Deus  
sobre a humanidade,  
traçar sobre a multidão recamos de luz  
e, ao mesmo tempo, dividir com o próximo  
a injúrias, a fome, os golpes, as alegrias fugazes. (Lubich, 1998a, op.  
cit. p. 44)

6. A contemplação no mundo. A união com Deus — que é Pai, que é Amor —, e, justamente por isto, a comunhão com os irmãos — que é serviço concreto a eles, a lavagem dos pés. E, não é certamente esse o ideal de Jesus?

Jesus Abandonado é, para Chiara Lubich, o lugar e o rosto do encontro de Deus com o homem. Deus que, por amor, se esvazia de

tudo, também de si, para fazer-se um, até o fim, com o homem, com todos os homens.

Por isso, ele, Jesus Abandonado, é o caminho de Deus em direção ao homem e do homem a Deus. Ele é o mediador, o Deus-homem que se aniquila e justamente assim se torna ele próprio, mediador: Deus que entra no homem, o homem que entra em Deus. Cada um sendo ele mesmo.

Transcrevo aqui um esplêndido texto de Chiara Lubich, escrito em 1949, de um único ímpeto, com incisiva linguagem mística:

Jesus é Jesus Abandonado. Porque Jesus é o Salvador, o Redentor, e redime quando derrama o Divino sobre a humanidade, através da Ferida do Abandono, que é a “pupila” dos olhos de Deus sobre o mundo: um Vazio Infinito através do qual Deus nos vê, a janela de Deus escancarada para o mundo e a janela da humanidade através da qual vemos Deus. (Cf. Lubich apud Blaumeiser, 1999, p. 40)

Os olhos de Deus sobre o mundo é o Coração de Cristo, mas a pupila é essa Ferida.

O olho é o coração porque, mesmo sendo o olho o órgão para ver (na Trindade o Olho de Deus é o Verbo), Deus que é Amor não pode ver senão com o Coração. Nele, Amor e Luz fazem unidade. [Texto inédito]

Trindade, Criação, Encarnação, Redenção e Divinização aparecem desse modo, neste texto contemplados no uno, na perspectiva original de Jesus Abandonado.

As imagens sobrepõem-se, mas não se confundem; antes, iluminam-se umas às outras como que em cascata: o olho, a pupila, a janela, o lado aberto do Cristo, o coração...

Deus vê o mundo através de Jesus Abandonado, que recapitula em si a humanidade: toda expectativa, todo desejo, toda derrota, todo pecado, toda morte. E qualquer coisa, o Pai a vê assim, em Jesus Abandonado, envolta por seu amor, cheia do seu amor, acolhida em seu amor.

Ele, Jesus Abandonado, é a pupila, um vazio infinito, grande como Deus, que nele se faz “Nada por amor”: um vazio que coloca em



contato direto, imediato, Deus com cada homem, em qualquer situação que ele possa se encontrar.

É a janela de Deus aberta para o mundo, mas, justamente por isto, a janela que possibilita à humanidade a contemplação de Deus. É olhando para ele que se pode excluir com Paulo:

Quem separar-nos-á do amor de Cristo? [...] Pois estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, Nosso Senhor. (Rm 8, 35.38-39)

As palavras de Chiara Lubich ressoam como uma graça e um convite: olhar a Deus de um modo novo, através de Jesus Abandonado, no ato mesmo em que nos percebemos vistos e transformados pelo seu olhar. Como se pudessemos tocá-lo e vê-lo, na fé, assim como somos vistos por ele.

As palavras de Chiara Lubich são também sinal de um período novo prometido ao mundo, ao nosso mundo, como desenlace de graça daquele "tempo da noite" de que falava Heidegger em seu sugestivo comentário a *Wozu Dichter?* [Para que poetas?], de F. Hölderlin (Heidegger, 1968, pp. 246-297).

7. Mas, como essa contemplação se faz história? Como consegue fazer do "Que todos sejam Um" uma utopia concreta, capaz de fermentar interiormente a história com a esperança, abrindo-a à espera responsável e operosa da "cidade nova" que descenderá do Alto, de Deus, como esposa adornada para as núpcias com o Esposo (cf. Ap 19,7-8)?

Jesus Abandonado — é esta a questão — não arregala os olhos somente para aquele superior *summo meo* que é interior íntimo meo, como teria dito Santo Agostinho, antes oferece um olhar novo, aquele olhar de Deus, sobre o outro e sobre o mundo.

Deus que habita em mim habita também no outro: para habitar em nosso meio.

É necessário, pois, superar a tenaz tentação de confiscar a busca e a relação com Deus (dada por Jesus) para a esfera do âmbito privado. É

preciso reconquistar — porque Jesus o torna possível — o ritmo e a festa comunitária (agora acessível a todos), e até mesmo cósmica, do dom de Deus: “Deus tudo em todos” (1Cor 15,28): não é esse o fim da história?

Cito aqui um texto de Chiara Lubich, escrito em 1949, que manifesta, com simplicidade e certeza sobrenatural, a tomada de consciência a respeito da mudança do paradigma espiritual, na vida cristã, que isso necessariamente implica:

Os fiéis, [...], geralmente, buscam a união com Deus presente em seus corações.

Encontram-se como em um grande jardim florido, onde olham e admiram só uma flor. Olham-na com amor, nos detalhes e no todo, mas não prestam tanta atenção às demais flores.

Deus [...] pede que olhemos todas as flores, pois em todas ele está. Assim, observando-as todas, é a ele que amamos, mais do que a cada uma das flores.

Deus, que em mim reside, que a minh'alma plasmou, que, sendo Trindade, nela repousa, também reside no coração dos irmãos.

[...] não basta que eu o ame só em mim. Se é assim que faço, o meu amor ainda mantém um quê de pessoal, e está inclinado ao egoísmo [...]. Amo Deus em mim e não Deus em Deus, porquanto a perfeição é: Deus em Deus [que é Unidade e Trindade].

Por conseguinte, a minha cela — como dizem as almas íntimas de Deus —, o meu céu — como dizemos nós — está em mim e, do mesmo modo que está em mim, está na alma dos irmãos. E, como o amo em mim, ao recolher-me nesse meu céu — quando estou só —, amo-o também no irmão quando ele está junto a mim.

Então, não amo somente o silêncio, amo também a palavra [expressa ou tácita], isto é, a comunicação de Deus em mim com Deus no irmão. Se os dois céus se encontram, existe aí uma única Trindade, em que os dois estão como o Pai e o Filho e, entre eles, o Espírito Santo.

É necessário, sim, recolher-me sempre, inclusive na presença do irmão sem, contudo, esquivar-me da criatura, mas recolhendo-a no meu próprio céu e recolhendo-me no céu dela.

Dado que esta Trindade reside nos corpos humanos, aí reside Jesus, o Homem-Deus.

E entre nós dois realiza-se a unidade, na qual somos um, sem no

entanto, estarmos sós. E aqui está o milagre trinitário e a beleza de Deus que não está só, porque é Amor. [...]

Devemos dar vida, continuamente, a estas células vivas do Corpo Místico de Cristo, que são os irmãos unidos em seu nome, para reavivar todo o Corpo. [...]

Mas é preciso saber perder o Deus em si mesmo por Deus nos irmãos. Faz isto quem conhece e ama Jesus Abandonado. (Lubich, 1998, pp. 7-8)

Também esse é um texto fundamental, que dá forma e incidência à intuição evangélica de Chiara Lubich.

Um teólogo da mística e da espiritualidade chegou a falar de “revolução copernicana” (Cf. Castellano, 2001, pp. 27-33).

O certo é que aqui a eclesiologia de comunhão — que o cardeal-arcebispo de Turim, Michele Pellegrino, definia na *Camminare insieme*, já nos idos de 1960, como a idéia-chave do Concílio Vaticano II — torna-se vida, experiência, fermento. É como se — através da prática de comunhão vivida em Jesus Abandonado e, portanto, alheia, por definição, a qualquer tentação sectária, proselitista, integrista — a vida trinitária se derramasse sobre a Terra.

“Assim na Terra como no Céu”: não é esta a oração de Jesus?

“Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim” (Jo 17,23): não é este o Testamento de Jesus?

8. Até aqui falei de mística, contemplação, comunhão..., mas usei também, e não por acaso, uma expressão forte e precisa: mudança de paradigma, entendendo com esse termo — que da linguagem científica passou também para a linguagem filosófica e cultural — um conjunto de significados e perspectivas capazes de interpretar e informar, de modo convergente, coerente e original, a realidade que somos e na qual vivemos.

À luz do que foi dito, parece-me que podemos dizer que a doutrina espiritual de Chiara Lubich não só testemunha, de fato, uma mudança de paradigma na história da espiritualidade cristã, conforme as expectativas do Concílio Vaticano II e as instâncias antecipadas pelos sinais dos tempos, como estabelece, ao mesmo tempo, as premissas de uma contribuição significativa para a mudança de paradigma cultu-

ral, que a nossa época, de modo tormentoso e com lances até mesmo trágicos, exige com urgência e começa, através de formas diversas e até mesmo contraditórias, a pressentir e a configurar.

Também isso não é coisa nova na história da espiritualidade cristã. Uma grande intuição evangélica gera um estilo cultural e deixa sua marca na teologia, na filosofia, na práxis social e econômica, na arte e até mesmo na abordagem científica da natureza.

Há um texto significativo de Chiara Lubich, escrito em outubro de 1949, logo depois do período luminoso transcorrido naquele ano e da nova escolha de Jesus Abandonado. Chiara Lubich está em Roma. E contempla a cidade, com os graves problemas de sua reconstrução civil, moral, religiosa. O que fazer?

Ela sabe que pode e deve olhar “a humanidade com os olhos de Deus que tudo crê porque é Amor”: o olho que é Jesus Abandonado. É a partir desse olhar que Roma, a Itália e a humanidade podem ressurgir. É justamente “Ressurreição de Roma” o título desse artigo, no qual se revela uma mística que se torna história ao ser publicada em “La Via”, a Revista dirigida por Iginio Giordani.

Chiara Lubich compreende, antes de tudo, a “ressurreição” de Cristo no coração dos cristãos, nas relações entre eles marcadas pelo amor trinitário, e, conseqüentemente, também nas diversas esferas da vida social:

É preciso fazer Deus renascer em nós, mantê-lo vivo e extravasá-lo sobre os outros como jorros de Vida, e ressuscitar os mortos.

E mantê-lo vivo entre nós, amando-nos (para nos amarmos não é preciso alarido: o amor é morte a nós mesmos — e a morte é silêncio — e vida em Deus — e Deus é o silêncio que fala).

Então, tudo se revoluciona: política e arte, escola e religião, vida privada e diversão. Tudo.

Deus não está em nós como o Crucifixo que, às vezes, mais parece um amuleto na parede da sala de aula. Ele está vivo em nós — se o deixarmos viver — como o legislador de cada lei humana e divina, pois toda ela é obra sua. Ele, do nosso íntimo, dita cada item e nos ensina — Mestre eterno — o eterno e o contingente, e a tudo confere valor.

Mas só compreende isso quem o deixa viver em si, vivendo nos outros, por-

que a vida é amor e, se não circula, não vive. (Lubich, 1998b, p. 11-12)

Para que aconteça a ressurreição, sublinha Chiara Lubich, “é preciso ter a coragem de não dar atenção a outros meios [...] ou, pelo menos, colocar esses outros meios em segundo plano” (Ibid.).

A construção de uma sociedade nova — anos depois, Chiara Lubich falará de “humanidade nova” e “mundo unido” — tem a sua raiz, a sua forma, o seu método, o seu fim, em Jesus Abandonado e nessa unidade que é fruto dele.

É o cristianismo que renasce: não para propor uma nova cristandade, mas para se tornar — segundo a imagem da Carta a Diogneto — “alma do mundo”.

É um novo estilo de presença no mundo social, político, econômico, depois da destruição provocada pela Segunda Guerra Mundial. São as sementes de um novo “projeto cultural” que começam a germinar.

9. Não é por acaso que, em torno de Chiara Lubich, há mais de dez anos, reúne-se um grupo de estudiosos e pesquisadores, especialistas em várias disciplinas, (a Escola Abbá) com a finalidade de explicitar, através de um método calcado nos princípios supracitados, aquela que, sinteticamente, poderíamos definir como a potencialidade cultural da mística de Jesus Abandonado e da Unidade.

O objetivo e a prática de trabalho são ambiciosos e carregados de esperança: nesta época de crise do sujeito, descoberta pela modernidade, e da fragmentação do saber por esta propiciada; nesta época de explosão do pluralismo e da complexidade e, ao mesmo tempo, do aparecimento premente da globalização, com as suas oportunidades e os seus perigos, reencontrar o centro que ilumina e faz ver a verdade, sem sufocá-la na uniformidade massificante e sem fazê-la desaparecer no nada da dispersão e do non-sense, e chegar à festa do múltiplo que se recolhe no Uno que é Trino, porque é Amor. Esse amor que — como explica Chiara Lubich em síntese brilhante — “porque se dá, porque não é, é” (Lubich apud Pelli, 1998, p. 43). É, precisamente, amor.

Não está nesta síntese, além do mais, a chave para viver o diálogo — em nível ecumênico, inter-religioso, intercultural — que é um imperativo do nosso tempo? Um diálogo profundo e sofrido, cujo mestre, mais uma vez, é Jesus Abandonado.

Depois de 11 de setembro, o poeta [italiano] Mario Luzi escreveu:

Aqueles aviões que se atiravam contra  
as majestosas torres,  
aquele vôo suicida de vidas humanas  
contra outras vidas...  
A mente vacila, o espírito é derrotado, oprimido...  
Preparam-se, talvez já chegaram,  
os tempos em que será pedido  
aos homens de serem outros  
do que temos sido. Como?

A intuição de Chiara Lubich — disto estou convencido — é uma das grandes respostas que o nosso tempo nos oferece e que, em comunhão com tantas outras, pode fazer-nos descobrir o exigente, mas luminoso desenvolvimento de um novo desígnio: a Civilização do Amor.

## Bibliografia

- BLAUMEISER, 1999. "Um mediador que é Nada". In: Abba — Revista de Cultura. São Paulo, Vol. 2, n. 2, p. 40.
- CASTELLANO, J., 2001. "Una spiritualità che unisce il vertice del divino e dell'umano". In: Vandeleene, M., (org.), Chiara Lubich — La dottrina spirituale. Milano : Mondadori.
- COTTOLENGO, G. B., 1992. Spinti dalla carità di Cristo sulle orme di San Giuseppe Benedetto Cottolengo. [Atos do Simpósio comemorativo dos 150 anos da morte de Cottolengo] (1842 — 1992), Torino : [s. n.] 13-15 de nov., pp. 84-85.
- JÜNGEL, J.-Neri, M., 2002. "Intervista al teologo Eberhard Jüngel". In: Il Regno-attualità. Roma : [s. n.], XLVII, 145-150.
- LUBICH, C., 1998a. A atração do tempo moderno. 2.ed., São Paulo : Cidade Nova.
- , 1998b. "Ressurreição de Roma". In: Abba — Revista de Cultura. São Paulo, Vol. 1, n. 1, pp. 9-13.

- , 2000. O Grito. São Paulo : Cidade Nova.
- PELLI, A., 1998. “Carisma da Unidade e aprofundamento teológico do Abandono de Jesus”. In: Abba — Revista de Cultura. São Paulo, Vol. 1, n. 2, p. 43.
- RAHNER, K., 1992. “Elementos de espiritualidade na Igreja do futuro”. In: AA.VV., Problemas e perspectivas de espiritualidade. Goffi, T.–Secondin, B. (orgs.). São Paulo : Loyola.
- , 1966. “Frömmigkeit früher und heute”. In: Schriften zur Theologie. VII, Einsiedeln : [s. n.].
- , 1992. Dimensioni politiche del cristianesimo. Roma : Città Nuova.
- HEIDEGGER, M., 1968. “Perchè i poeti”. In: Sentieri interrotti. Firenze : La Nuova Italia.